



LABIRINTOS DE PRAZERES – OS EXERCÍCIOS DE SEXUALIDADE EM UM LUGAR DE PÚBLICO ADULTO.

Claudio Ricardo Freitas Nunes¹

Introdução

Os centros das grandes cidades brasileiras têm-se notabilizado por oferecer uma série de locais destinados aos encontros da parcela homossexual masculina, numa gama de serviços e locais bastante diversificados, buscando atender clientela com interesses igualmente diversos. Assim, boates, “cinemão”, locadoras de vídeos pornô e saunas são encontradas nos perímetros centrais, principalmente das capitais, o que atrai considerável parcela *gay* interessada em locais de sociabilidade e consumação de encontros sexuais. Em muitos desses lugares, a existência de *dark rooms*, em que a possibilidade de sexo com anônimos é recorrente, é um dos principais atrativos. Em Porto Alegre, especificamente, a região central concentra um polo bastante diversificado do que se conhece por “mercado contemporâneo de bens eróticos” (Gregori, 2007) em que se encontram, separados por poucas quadras, serviços e locais como cinemas de pegação, salas de vídeos, banheiros públicos em praças, boates, bares e saunas, em que as possibilidades das experimentações e os exercícios das sexualidades estão incluídos no preço do ingresso. A concentração desses espaços de sociabilidade homossexual e identificados como comércios ou serviços diretamente ofertados à comunidade *gay*, sugerem que “o mundo comercial *gay* que apareceu nos últimos anos ligou nitidamente a sexualidade ao desenvolvimento de uma economia específica” (PARKER, 2002, pág. 119), que na capital gaúcha, se estabelece a partir da oferta de serviços e opções cuja concentração no perímetro central indica existir ali um território bastante fértil em possibilidades eróticas. Assim, a proximidade de tantos bares e boates, locadoras, saunas, para além das aventuras sexuais, permite a criação de redes de “(homo)sociabilidades”(PARKER, 2002), estabelecidas a partir das presenças e das convivências nesses mesmos lugares.

Essa circulação de sujeitos criando e impulsionando um mercado homoerótico já foi observada por outros pesquisadores:

“A constância de certas populações em agruparem suas perambulações à procura de sexo, diversões, prazeres e outros vícios próximos à ilegalidade, em áreas especializadas das megalópoles, mereceu um *status* particular na Sociologia Urbana com a aplicação da categoria de região moral” (PERLONGHER, 1987, pág. 47).

¹ Doutorando PPGEduc/UFRGS. claudiorica@uol.com.br



A ideia de “região moral” pretende abarcar “zonas de perdição e vício das grandes cidades” (ibidem, pág. 25), cujas delimitações não são muito precisas e onde podemos localizar a movimentação de personagens “desviantes” como garotos de programa, prostitutas, travestis, cafetões, homossexuais, que ali perambulam em territórios de sociabilidades e intercâmbios sexuais (PERLONGHER, 1987; PARKER, 2002).

E é a partir dessa configuração de “região moral” percebida no centro da cidade que este texto discorrerá sobre um lugar específico em Porto Alegre, instalado em um prédio antigo, em meio a tantos outros comerciais e residenciais. Ao entrarmos no local, percebemos que: “a ocupação do espaço construído envolve a mobilização de todos os sentidos porque ali entramos, nosso corpo é abrigado pelo conjunto de estímulos desse ambiente” (CAIAFA, 2007, pág. 109). Suas instalações ocupam três andares, e é anunciado no sítio² como um “*clube que reúne um variado mix de serviços para o entretenimento adulto, formado basicamente pelo público masculino, mas bem receptivo a todos*” e que “*oferece uma infra-estrutura (sic) completa, diariamente apresentamos os shows dos melhores gogo boys e strippers do RS, além de conceituados atores do teatro gaúcho apresentando (sic) com seus personagens hilários e seus textos inteligentes (sic) os shows mais envolventes do estado*”. O *mix de serviços para o entretenimento adulto* oferecido no prédio disponibiliza opções variadas como locadora de filmes eróticos, saunas, bar/pista de dança/boate, cabinas para assistir aos filmes locados no próprio local, *dark room* com cama coletiva, além dos citados *shows* diários de *strippers* masculinos. O funcionamento do local é diário, das 11h às 22h, incluindo sábados, domingos e feriados³. Convém destacar-se que o local realmente é “*bem receptivo a todos*”, pois é comum a presença de mulheres e travestis, inclusive desacompanhadas e em todos os espaços, tanto nas dependências da sauna quanto no *dark room*. Registre-se que é o único lugar em Porto Alegre destinado ao público *gay* em que homens e casais heterossexuais, mulheres desacompanhadas e travestis compartilham os mesmos ambiente que a clientela *gay*, mediante o pagamento do ingresso, confirmando a vocação de “local de encontro para adultos onde todos são bem-vindos, temos somente uma palavra de ordem, divirta-se, pois, há muito mais pra se fazer aqui”⁴, Também encontramos divulgação dos serviços ofertados nos dois jornais com maior circulação no RS⁵.

² Neste momento da escrita, optou-se por não identificar, plenamente, o local investigado.

³ Em dias úteis, o horário é das 11h às 22h. Aos sábados, domingos e feriados o horário é das 14h às 22h.

⁴ Retirado do próprio sítio, consultado em 21/06/10.

⁵ Nos classificados dos jornais Zero Hora e Diário Gaúcho, na seção RELAX/ACOMPANHANTES/MASSAGEM ERÓTICA são disponibilizados o endereço, telefone, endereço do sítio e as diversas atrações do estabelecimento.



Descrição do local feita pelo olhar de um frequentador/pesquisador interessado em questões de sexualidade

O andar térreo é dividido entre a recepção, o acervo de *DVDs* e fitas *VHS* erótico-pornográficas, espalhadas em diversas estantes metálicas pelo espaço, para locação ou assistência no próprio prédio; a sala da gerência e parte dos serviços de saunas, como armários, duchas, cabinas individuais e coletivas, saunas seca e a vapor. Há também uma escadaria interna, por onde se acessa o segundo andar. O segundo andar acolhe a pista de dança – onde ocorrem diariamente os *shows* de atores transformistas e *strippers* masculinos às 19h30min - bar com músicas de boate a partir das 14h, além de dois ambientes *lounges*⁶, mesa de sinuca, banheiro e camarins dos transformistas e dos *strippers*, este último vedado à presença de clientes. Na pista de dança estão dispostas diversas lâmpadas coloridas que são acionadas no próprio bar e cujo efeito é a iluminação com luzes difusas, criando “clima de boate”; nos ambientes *lounges*, recursos de iluminação indireta ajudam a criar uma atmosfera mais intimista. Noutra ala desse andar, com acesso restrito aos clientes da sauna⁷, encontramos um amplo mezanino com banheira de hidromassagem para seis pessoas e ambiente de relax com cadeiras e monitor de televisão exibindo filmes pornô/eróticos de canais pagos.

A sonoridade desse andar é diversa, pois são escutados fragmentos de conversas e gargalhadas de usuários do bar, misturadas às músicas em volume elevado que saem das caixas de som espalhadas na pista de dança, muitas delas servindo para as dublagens feitas pelos atores transformistas e como trilhas sonoras para as coreografias sensuais, praticadas pelos *strippers* masculinos nas coreografias sensuais.

No terceiro piso, encontramos “2 salas coletivas com filmes ininterruptos, cabines (sic) individuais onde você escolhe o filme que quer assistir, cabines (sic) para casais com capacidade para até três pessoas, labirinto erótico, sala escura com cama coletiva, quartos com confortáveis instalações e total privacidade”⁸, além de um banheiro. No total são disponibilizadas 12 cabinas contando com monitor de tv para a locação de filmes e 5 cabinas sem qualquer equipamento. Esse andar propositalmente funciona na penumbra, na escuridão, com exceção do banheiro, pois não se tem uma iluminação direta, além de contar com recursos de “luz negra” em alguns pontos dos corredores. O “labirinto erótico” também conhecido como “parque labirinto” é constituído por um extenso e estreito corredor às escuras ou sob reflexo da já citada “luz negra”, por onde se percorre a quase totalidade do andar, ao longo do

⁶ *Lounge*: substantivo e verbo. Saguão, bar, sala de estar. Dicionário Longmann, 2004.

⁷ Convém esclarecer que o preço do ingresso a sauna é mais caro, mas possibilita o livre acesso a todas as dependências do prédio. O ingresso da locadora não permite que se acesse as dependências da sauna. Em 21/06/10, o preço da sauna era de R\$ 19,00 e da locadora R\$ 14,00.

⁸ Descrição retirada do próprio sítio, acessado em 20/06/10.



qual estão dispostas todas as cabinas – uma delas possui *glory hole*⁹ - e os acessos para as duas salas coletivas que oferecem filmes hetero e filmes homossexuais, rodando ininterruptamente. Numa das extremidades do “labirinto erótico” está instalada uma grande cama, numa sala literalmente às escuras, que é usada pelo coletivo dos sujeitos(as) que buscam o *dark room* para a fruição e o compartilhamento de suas *performances* e prazeres sexuais.

Esse andar revela-se como de grande ocupação pelos usuários do clube, inclusive pela clientela masculina heterossexual, pois muitos homens se dirigem diretamente a esse andar, sem circular nos outros espaços oferecidos, conseguindo manter um anonimato. Ou uma clandestinidade. Demonstram, talvez, interesse único em assistir, privadamente, a filmes pornô localados no térreo, pois se limitam, na grande maioria das vezes, a entrar na cabina locada e trancam a porta, evitando assim qualquer interação ou aproximação com os demais usuários.

O terceiro andar, além da proposital penumbra reinante, também se configura com o extremo dinamismo das pessoas que ali se movimentam percorrendo incessantemente o “parque labirinto”, circulando entre os vários nichos existentes, em deslocamentos contínuos entre as cabinas, as salas coletivas de filmes e o *dark room*, buscando parceiros(as) para os exercícios das sexualidades que ali ocorrem, mas não exclusivamente, pois tanto nas dependências da sauna no térreo, quanto nos recantos do segundo andar, são observadas práticas sexuais homossexuais e também heterossexuais.

Também merece destaque na configuração desse andar a polifonia ali produzida. São audíveis risadas, gargalhadas, conversas, campainhas de celulares dos usuários, fragmentos de diálogos dos filmes pornô americanos e dos filmes nacionais, emitidos a partir dos monitores de tv. Gemidos e ruídos tanto da ficção exibida nos monitores, quanto dos encontros e das trocas sexuais reais entre os homens, mulheres e travestis que ali circulam. O barulho das passadas de quem se movimenta por entre aqueles labirintos compete com o barulho de portas sendo trancadas ou se abrindo na dinâmica dos encontros entre adultos. Dessa forma, gemidos, gritos, sussurros mostrados nos monitores são percebidos misturados aos originados em atuações reais e que se ouvem nos corredores, em vários tons e várias intensidades, tornando complexa a descrição do ambiente sem alertar sobre a polifonia ali pulsante. Sem esforço se pratica a “observação silenciosa da variedade” proporcionada pela “diversidade de estímulos que vêm do ambiente em torno” (CAIAFA, 2007, p. 109). A contínua movimentação de sujeitos acompanhados de sonoridades expressivas dá a ideia

⁹ *Glory hole* são buracos feitos nas paredes de madeira, na altura dos órgãos sexuais, em que a genitália masculina pode ser introduzida, sem que se identifiquem os usuários. Muitas vezes tais orifícios servem para que sejam introduzidas mãos, que buscam interações com outros corpos.



do que Trevisan cunhou como “agitado intercâmbio erótico” (1986, pág. 18), ao se referir ao lendário cinema Íris, popular cinema de pegação entre homens no centro do Rio de Janeiro. Os silêncios, bem como a claridade, parecem não serem percebidos nesse andar. Ao fazermos a descrição sucinta do local, pensamos que os recursos visuais e sonoros obtidos através dos monitores de tv espalhados por tantas cabinas, mais as penumbras e a escuridão criadas através de artifícios como “luz negra” e iluminação indireta, além da própria arquitetura e ambientação dos vários espaços, também se configuram como pedagogias da sexualidade, de acordo com Louro (2001).

As impressões acima são parte da pesquisa de doutorado empreendida a partir de janeiro de 2008, no Programa de Pós Graduação em Educação/UFRGS, na linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, através de registros etnográficos em diário de campo e gravações de entrevistas com alguns dos sujeitos que escolheram esse estabelecimento como *locus* para as suas homo sociabilidades e práticas sexuais. É oportuno que eu me apresente como pesquisador já familiarizado com as peculiaridades e o funcionamento do lugar, pois minha entrada no campo de pesquisa se deu através da frequência, dos sentidos, das curiosidades e dos prazeres do cliente – que fui e sou – desse estabelecimento comercial. O fato de já ter certa familiaridade com as rotinas e o lugar, construída pelas vivências do cliente, facilita ao pesquisador a “negociação da sua entrada no campo como observador participante” (GASTALDO, 2005, p. 113), pois os interesses do pesquisador forjaram-se a partir das incursões do cliente. Enquanto cliente presenciei muitas cenas envolvendo homens *gays*, casais heterossexuais, mulheres e travestis, ocupados em exercícios de erotismo e práticas sexuais nas diversas ambientações do lugar. Até mesmo os *shows* diários de *strippers* que ocorrem diariamente no segundo andar despertaram interesses no cliente, a ponto de se questionar sobre as encenações daquelas *performances* de masculinidades. De certa forma, é a minha proximidade com o local que me fez/faz pensar acerca das práticas sexuais e das *performances* encenadas que ocorrem nesse cenário já indicado. Sentir-se de alguma forma integrado ao coletivo pode facilitar a percepção de como ocorrem os fenômenos ali presentes, de acordo com Caiafa (1985). Tomando por base rotinas e procedimentos de etnografia, eu comecei a procurar o “distanciamento” buscando filtrar ações da rotina do espaço que pudesse traduzir em questões, descrever densamente o espaço, além de observar os sujeitos, registrando suas impressões e discursos, cumprindo uma série de ações e procedimentos etnográficos. Estar novamente dentro desse prédio no centro da cidade implica uma nova postura por minha parte:

“A ideia de disponibilidade para qualificar a atitude de campo pode ser retomada: é preciso estar disponível para a exposição à novidade, quer se a encontre muito longe ou na vizinhança. Trata-se de uma atitude que se



constrói no trabalho de campo. É que o estranhamento não é dado, é algo que se atinge, é um processo do trabalho de campo” (CAIAFA, 2007, p. 149).

Ter proximidade com o local, com as dinâmicas e com alguns dos atores sociais ali atuantes, antes de um impedimento formal e prévio, representa uma real possibilidade de trabalho, desde que eu me coloque atento a novas perguntas que minha familiaridade pode motivar e me revele disponível para ser afetado pelos acontecimentos vivenciados com os “próximos”, de acordo com Caiafa (2007). Desta forma, surgem a

“preocupação com o registro, a escrita, a metodologia e a abordagem teórica” como recursos para “estranhar” o local da pesquisa, buscando valorizar a experiência prévia no campo, mas não ater-se somente a ela, pois a experiência precisa ser confrontada e acompanhada de teorias “externas”, num processo de aproximar-se e distanciar-se do local da pesquisa “(TERTO Jr, 1989, pág. 7).

A seguir, passamos a narrar uma cena do diário de campo, com as quais pretendemos exemplificar as particularidades dos ambientes e dos sujeitos envolvidos.

Short cuts e os exercícios das sexualidades

Cena 1 – Mais um dia de semana, primavera, início de noite, por volta de 19h. Como estou dentro do *dark room*, poderia acrescentar que se faz noite completa. Toda a claridade e os resquícios da luz do dia transformam-se na escuridão da noite naquele espaço. Eu e meus companheiros de pesquisa lotamos aquela pequena sala, com aproximadamente 15 metros quadrados, que se torna menor ainda por dispor de uma grande cama, com cobertura de material plástico, em uma das laterais. Tal cama reduz a área útil do espaço e, particularmente, neste dia, há tantos homens por ali que, inevitavelmente, todos acabamos nos encostando ou nos roçando, mesmo sem ter essa intenção. A sensação é que estamos dentro de um elevador amplo que está lotado. Há sussurros, há gemidos, percebem-se respirações ofegantes vindas de vários lugares naquela pequena sala. A rotação do ventilador preso ao teto, ligado na velocidade máxima, tentando atenuar o calor emanado de tantos corpos em atividade, torna mais embaralhada as sonoridades dos tantos jogos sexuais que estão ocorrendo, simultaneamente. Há mistura de odores no ar que faz aumentar a sensação de calor ali dentro. Suores, perfumes, odores de cigarros... fragmentos e resquícios de tantos corpos que passaram e que ainda se ocupam naquele local. As variedades das atividades propostas são diretamente proporcionais ao número de ocupantes do espaço. Há grupos de homens embolados, como uma almôndega, há duplas de homens, há trios, há os que observam, solitariamente, os jogos sexuais, há os que tentam entrar nestes mesmos jogos – alguns são rechaçados e procuram então outras possibilidades de participar de outras orgias.



Os próximos passos nos labirintos da pesquisa

Uma das idéias da continuidade da pesquisa é perceber o erotismo e os próprios exercícios de sexualidade, praticados por homens e mulheres adultos no lugar detalhado, tendo-se por inspiração o “castelo Sadiano”, dos escritos do Marquês, que resultaram na narrativa de Os 120 Dias de Sodoma, posteriormente interpretada por Georges Bataille na obra O Erotismo. Iluminar os labirintos pelos quais o pesquisador tem se aventurado implica na construção de um referencial teórico, apoiado em estudos pós estruturalistas, em que as questões de sexualidade possam ser contempladas, com todas as especificidades que o próprio campo de pesquisa oferece. A partir dos escritos de Foucault sobre a história da sexualidade, pesquisadores contribuíram com o debate contemporâneo do exercício das sexualidades, entre eles, Richard Parker, Judith Butler, Gayle Rubin, Nestor Perlongher, Peter Fry, James Green, Didier Eribon, Sérgio Carrara, Júlio Simões, Guacira Louro, Fernando Seffner, Veriano Terto Jr, Fernando Pocahy e Camilo Albuquerque Braz. Percorrer esses labirintos, como quem se aventura no “castelo” de Sade, atento a tantas cenas e *performances* entre sujeitos homens, mulheres e travestis e trazer à luz as questões sobre erotismo, pornografia, sexo e sexualidades, entre outras que são percebidas no local descrito, dialogando com os autores citados e ainda outros, é o desafio que se impõe como os próximos passos do pesquisador.

Referências Bibliográficas

- BRAZ, Camilo Albuquerque de. *Marcho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo*. In: **Cadernos Pagu**, nº 28. Campinas: 2007, pp. 175-206.
- _____.2010. "Mas agora confessa..." - notas sobre clubes de sexo masculinos. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, nº 4, p. 127-156.
- CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na Cidade (A invasão dos bandos sub)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. **Aventura das Cidades. Ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2007.
- FRY, PETER. **Para Inglês Ver – identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- FOUCAULT, Michel . **História da Sexualidade 1 – a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- GASTALDO, Édison Luís. “O complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. In: LUCAS, M. E. (org.). **Horizontes Antropológicos – antropologia e performance**, ano 11, nº 24. Porto Alegre, 2005, pp. 107-124.
- PARKER, R. **Abaixo do Equador – culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GREEN, James N. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.



- LOURO. Guacira L. Pedagogias da Sexualidade. In: _____ **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do Michê – A Prostituição Viril**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- SADE, Marquês de. Os 120 dias de Sodoma ou A Escola da Libertinagem. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- TERTO Jr. Veriano de Souza. **No escurinho do cinema...:Socialidade orgiástica nas tardes cariocas**. Rio de Janeiro, 1989, 179 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Programa de Pós Graduação em Psicologia Social/PUC.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986,